

DESCOBERTAS RECENTES DE ARTE MEGALÍTICA NO NORTE DE PORTUGAL

por *EDUARDO JORGE LOPES DA SILVA* (*)

1) — INTRODUÇÃO

Apreender o espírito, as formas de pensar, de sentir, o pulsar de toda a vivência psíquica do homem pré-histórico é, inegavelmente, uma das tarefas mais difíceis e complexas com que se debatem os investigadores que, àquela época, dedicam a sua atenção.

Desse fascinante universo de conceptualidade ressalta o fenómeno espiritual simbólico-religioso. A ele estão ligadas as múltiplas manifestações artísticas, mobiliárias, parietais ou de ar livre. A Arte Megalítica reveste-se de características particulares, conjugando aspectos comuns com nuances próprias, já que se trata, em essência, de uma arte funerária.

O mundo megalítico é voltado, em grande parte, para a crença numa vida além-túmulo. A construção grandiosa e definitiva das sepulturas megalíticas, onde a pedra, pela garantia de perenidade, desempenha um papel simultaneamente físico e simbólico de perpetuidade, é disso primeira prova. A disposição ritual dos objectos é uma segunda razão. Por último, as marcas, os vestígios gráficos, naturalistas, esquemáticos ou abstractos, seja com figuras humanas ou animais, seja com ídolos ou com representações geométricas, são a prova de que estaremos perante manifestações religiosas concretas, para as quais, por vezes, de forma inconsciente, deixamos transitar parcelas das nossas próprias crenças.

De há muito conhecida e discutida, a Arte Megalítica foi objecto, em tempos recentes, de um trabalho profundo de inventariação e sistematização

(*) Do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense e do Grupo de Investigação Arqueológica do Norte.

por parte da investigadora Elizabeth Shee, no que concerne à parte ocidental da Europa (SHEE, 1981). De então para cá, várias e importantes descobertas, neste domínio, foram efectuadas. São algumas dessas manifestações artísticas pré-históricas, inéditas, que agora se apresentam.

2) — Os relevos da Mamoa de Chafé (Viana do Castelo).

Escavada pelo autor em 1985, a Mamoa de Chafé viria a fornecer um espólio numeroso, variado e de grande importância, que se encontra em fase de estudo e desenho. Este monumento, até então inédito, implanta-se num terreno de características dunares, o que, desde logo, lhe confere uma particularidade específica. Contígua, escavámos, em 1984, uma cista da Idade do Bronze.

Num dos esteios da câmara dolménica da Mamoa de Chafé detectaram-se dois interessantes relevos, na que é considerada a face externa do ortostato. A matéria-prima é o granito de grão médio.

Os relevos definem linhas curvas, uma em forma de semi-círculo e a outra configurando uma linha ligeiramente ondulada, aproximando-se de um S deitado e alongado.

Não conhecemos, por ora, qualquer paralelo para este afeiçoamento realizado num esteio granítico dolménico.

3) — As gravuras da Mamoa da Eireira (Afife) — Viana do Castelo.

A Mamoa de Afife situa-se no lugar da Eireira (Medorro), freguesia de Afife, num dos extremos norte do Concelho de Viana do Castelo, a uma altitude de cerca de 30 metros.

Tem como característica peculiar a sua implantação na orla costeira minhota, a cerca de 400 metros da linha de água, pelo que pode ser considerado, como o monumento megalítico, deste género, mais próximo do mar.

A cerca de 2 km de distância localiza-se o conhecido dólmen da Barrosa (Vila Praia de Âncora).

O monumento megalítico da Eireira foi objecto de uma primeira campanha de escavações, dirigida pelo autor, em 1986. Uma segunda campanha decorreria no Verão de 1987, prevendo-se a sua continuidade em 1988.

Estas duas intervenções propiciaram o aparecimento de estruturas de muito interesse, de que ressalta uma câmara com corredor indiferenciado, bastante

bem conservado, com 16 esteios «in situ». A altura máxima dos maiores esteios ultrapassa os 2 metros.

O espólio não foi menos significativo, destacando-se as pontas de seta, lâminas, machados de pedra polida, além de centenas de fragmentos cerâmicos.

O número de esteios gravados é de seis, o que é, sem dúvida, factor relevante.

Porque esta comunicação se efectua pouco tempo após o termo dos trabalhos de campo, não é possível, ainda, apresentar resultados definitivos quanto ao levantamento, descrição e análise de todas as gravuras. Deste modo, deter-nos-emos, preferencialmente, sobre três dos motivos, cujas tarefas de levantamento se encontram quase concluídas, reservando-se para breve a publicação completa e final do conjunto destas gravuras.

3.1) — Técnica de levantamento.

Foi realizada a limpeza dos esteios, primeiramente a seco e, depois, com água simples.

Numa segunda fase, aplicou-se o método bicromático «corrigido», variante que vimos ensaiando há algum tempo (1).

O passo seguinte consistiu no decalque das gravuras, em película transparente. Em gabinete, foram efectuadas as necessárias reduções.

3.2) — Os motivos.

a — Esteio n.º 2

O motivo localiza-se num dos ortostatos da câmara, na sua extremidade lateral Este, numa zona menos irregular do granito. Este gravura fora já detectada, aquando da 1.ª campanha de escavações (1986).

O motivo apresenta reduzidas dimensões, sulco pouco profundo e irregular. É constituído por 5 nítidos sulcos, definindo outras tantas linhas raiadas,

(1) — Vd. SILVA, Eduardo Jorge L. da, CUNHA, Ana Maria C. Leite da, «As Gravuras Rupestres do Monte da Laje (Valença)», *Arqueologia*, n.º 13, Porto, 1986, p. 146.

sendo visível parte de um outro. No seu todo, esta gravura assemelha-se a um soliforme.

Alguns centímetros mais acima, próximo do topo do esteio, há marcas de picotagem intencional, de significado impreciso.

Não é visível qualquer sinal de destruição nestas gravuras que, não obstante a sua situação, podem ser perfeitamente observadas do interior da câmara.

b) — Esteio n.º 1

Este esteio é um dos delimitadores da câmara, pelo lado Norte. De grandes dimensões, apresentou-se com uma fractura, na extremidade inferior voltada a poente, tendo sido encontrado o fragmento em falta entre outras pedras provenientes dos remeximentos da violação.

As gravuras inserem-se sensivelmente no centro do esteio, numa zona mais aplanada e sob uma pequena proeminência do próprio granito.

Os motivos são constituídos, essencialmente, por 5 linhas onduladas em ziguezague.

Se bem que, no conjunto, possam constituir um todo, agrupam-se em dois pares, entre os quais se interpõe uma terceira linha de igual configuração. Todas se dispõem na vertical.

Estes ziguezagues são definidos por pequenos segmentos de recta, unindo-se em vértices bem marcados, constituindo ângulos agudos.

Numerando estas linhas de 1 a 5, da esquerda para a direita (de poente para nascente), vemos que a n.º 2 apresenta um máximo de 4 vértices, a linha n.º 2, 6, a n.º 3, 5 e as n.ºs 4 e 5, 6 cada.

As linhas 1 e 2 unem-se, praticamente, no seu topo (um pequeno hiato será proveniente da degradação do granito). A união das linhas 4 e 5, também pela parte cimeira, é inequívoca.

Do lado direito, acima da linha n.º 5, existe um pequeno sulco, qual curva adicional.

Os motivos apresentam uma ligeira obliquidade, relativamente ao eixo de simetria do esteio.

O conjunto dos sulcos 4 e 5 apresenta uma notória curvatura na metade inferior.

Este conjunto de gravuras evidencia sulcos bem nítidos, embora pouco profundos e de secção estreita.

Na sua totalidade, este painel está bastante bem conservado.

O esteio onde se inscrevem estas gravuras é um dos que constitui o corredor, limite Norte, e encontra-se próximo da entrada do mesmo.

Os motivos ocupam o plano central da face interna da laje granítica. Esta apresenta, na extremidade superior, um rebaixo, proveniente do lascamento da pedra.

Estas gravuras revelam-se com características muito particulares, de alguma forma pouco usuais.

No essencial, o motivo pode descrever-se como sendo constituído por uma linha vertical, inscrita sensivelmente segundo o mesmo eixo de simetria da laje.

Aparentemente, esta linha, bastante extensa, é elemento constitutivo de um único motivo. Mas, observando-se o mesmo com mais atenção, verificar-se-á que, a partir da 2.ª linha transversal, há uma ligeira inflexão para a direita, enquanto que o sulco aumenta um pouco a largura da secção. É de admitir, pois, que tenha sido elaborado em um outro momento, não sendo possível precisar se anterior ou posterior às linhas inferiores.

Propomos, como método de análise, para este caso concreto, o seccionamento horizontal da figura, por um ponto que se situe entre as linhas transversais, junto da pequena curvatura de inflexão.

Teremos, assim, uma primeira figura que pode ser definida como um antropomorfo esquemático, configurado por uma linha vertical (correspondendo ao corpo), a qual se bifurca pelo lado superior, dando origem a um ângulo bastante aberto (correspondendo às pernas). Na extremidade dos sulcos deste ângulo, parece terem sido acrescentadas outras linhas, onduladas, o que confere ao motivo uma sugestão de movimento. Por último, os braços seriam representados pela linha horizontal.

Prosseguindo com esta técnica de decomposição, a análise dicotómica deste motivo levar-nos-á a propormos para a metade superior da gravura a representação de um outro antropomorfo, de maiores proporções. Nesta perspectiva, estaríamos perante uma figura esquemática ictifálica. Os membros inferiores estariam representados pela linha horizontal, com uma curva bem marcada do lado esquerdo, e de que só havia vestígios do lado direito. Os membros superiores corresponderiam à linha arqueada superior do lado esquerdo, de que se pode observar um vestígio simétrico do lado direito.

Entre estas duas linhas observam-se dois motivos que podem, numa primeira impressão, ser tomados como figuras radiadas. Numa análise mais cuidada, porém, somos levados a admitir, como hipótese interpretativa, uma outra ideia. Desde logo nos chama a atenção a sua simetria, relativamente à

linha principal. Durante a análise local, estas insculpturas evidenciaram-se pela diferente técnica de gravação. São constituídas por uma concavidade irregular, a partir da qual irradiam várias linhas, em direcção divergente. Do lado esquerdo o motivo apresenta 5 sulcos. Do lado direito, contrariando as previsões, vêem-se 6 sulcos, irradiando, igualmente, de uma pequena concavidade irregular, pouco profunda. Mas se, à primeira vista, se pode estranhar o acrescento de mais uma linha, uma observação mais atenta mostrar-nos-á que o sulco superior esquerdo é mais largo e irregular, nada tendo a ver, pelo menos aparentemente, com os outros sulcos. A técnica destas gravuras, no que concerne às linhas, é, como dissemos atrás, particular, na medida em que os sulcos são muito mais finos, de secção em V, com as paredes muito polidas.

Do ponto de vista interpretativo, podem ser consideradas como as mãos do antropomorfo superior, embora não haja vestígios nítidos de linhas verticais que pudessem simbolizar os braços. Portanto, excluindo o sulco, mais irregular e mais largo do motivo da direita, ficar-nos-á a representação dos 5 dedos de cada mão. O sulco «excedentário» corresponderá, porventura, a uma tentativa interrompida de inscrever mais acima a linha definidora dos membros inferiores.

Um pouco abaixo deste motivo encontra-se uma outra pequena concavidade, de contorno irregular, e pouco profunda.

Do lado esquerdo de esteio é nítido um sulco vertical, que parece incompleto, devido à degradação do granito.

Do lado direito, próximo da figura descrita como antropomórfica, é visível um pequeno sulco, relativamente isolado do restante contexto.

Na parte inferior da laje, um outro sulco, em ângulo aberto, de vértice voltado para baixo, surge, também, isolado.

Estes motivos apresentam-se constituídos por sulcos pouco pronunciados, o que dificulta a sua observação.

As gravuras deste esteio, como, de resto, todas as demais, encontravam-se totalmente ocultas pelo enchimento da câmara e corredor.

d — Esteio n.º 5

Este esteio é, também, um dos que constitui o corredor e encontra-se, igualmente, do lado norte. Como os demais, apresenta uma nítida inclinação para o interior. A face interna, local onde se encontram as gravuras, mostra uma superfície bastante rugosa, devido ao grão mais grosseiro do granito. Por tal

razão, as gravuras são de difícil percepção, sendo necessário uma vista experimentada e adequadas condições de iluminação para poderem ser observadas.

Os motivos são constituídos por linhas verticais quebradas em ziguezagues. Distribuem-se pela zona central da laje.

O levantamento deste motivo está ainda em curso.

e — Esteio n.º 15

É um dos esteios, do lado sul, com gravuras. Estas foram detectadas, em 1986, durante a primeira campanha de escavações.

A laje é uma das que constitui a câmara. Porque o seu levantamento também está em curso, reservamos para um trabalho conjunto e final a sua descrição e interpretação.

4) — CONCLUSÃO

Feita que foi a análise a algumas das gravuras megalíticas descobertas na Mamoa de Afife, a primeira ideia a reter é a da sua inegável importância, por razões várias, e muito particularmente por se encontrarem num monumento, cuja escavação revelou uma estrutura bastante bem conservada a que, felizmente, se associou a ocorrência de espólio bastante significativo.

Quanto aos motivos, verifica-se uma certa diversidade temática, com predomínio, embora, daqueles que alguns apelidam de «serpentiformes», designação que, no caso, não nos parece a mais correcta. Perfilhamos, por mais objectiva, a de linhas em «ziguezague». Estas surgem em dois dos esteios, de forma coerente, isto é, isoladas, sem se associarem a quaisquer outros motivos. Sendo certo que tanto podem ocorrer dispostas na vertical como na horizontal, as de Afife dispõem-se segundo a primeira hipótese.

Estes motivos podem aparecer sob a forma de linhas quebradas, constituídas por segmentos de recta formando ângulos agudos (como é o caso das que descrevemos), ou constituindo ângulos rectos. Outras há bem mais suaves, mais meandriformes. Tanto uns motivos, como outros (e, por vezes, eles coexistem num mesmo esteio) são dos mais abundantes, quer na Península Ibérica, quer na Irlanda e Bretanha.

Refira-se, dada a sua proximidade, a existência deste tipo de gravuras no dólmen da Barrosa (Vila Praia de Âncora). No entanto, são em menor número e são mais de feição meandriforme que em ziguezague. Pertencem,

contudo, ao mesmo mundo. No dólmen de Chão Redondo, Talhadas, Sever do Vouga, por exemplo, tais motivos coexistem.

Tentar uma interpretação destes motivos é correr um grande risco. Elizabeth Shee, que a este domínio tem dedicado grande parte da sua investigação, nada arrisca, limitando-se a citar a hipótese de Luís de Albuquerque e Castro, a propósito das mesmas linhas quebradas em ziguezague existentes em muitas das chamadas placas de xisto antropomórficas, tão vulgares nos dólmenes do Alentejo. De facto, placas como as de Alcarapinha (Elvas), Cabeço da Arruda, Vidais (Marvão), Herdade do Cavaleiro (Ponte do Sôr), entre outras, apresentam profundas analogias com as linhas sinuosas das gravuras de alguns dólmenes, nomeadamente o de Afife.

Para Albuquerque e Castro, as linhas esquemáticas onduladas «teriam sido empregadas na representação simbólica de água, num sentido de purificação» (2), aduzindo, como argumentos confirmativos, as imagens de três sacerdotes egípcios, vendo-se um deles lançando água (materializada numa linha quebrada) sobre as múmias dos escultores Nebamum e Ipuky. Outros exemplos existem, com sacerdotisas ou sacerdotes purificando múmias. Mas também num pedaço de tela de linho encontrado na necrópole egípcia de Gebelein, (3500 a.C.), hoje no Museu de Turim, se representa um homem a tirar da água as redes com o peixe, sendo a água representada por linhas em ziguezague.

É perfeitamente admissível o sentido simbólico da purificação, pela água, em túmulos onde os vestígios de rituais ligados a uma vida extra-terrena são inequívocos. No entanto, são necessários estudos mais vastos e profundos para se formularem hipóteses mais consistentes.

Quanto às gravuras do esteio n.º 6 parece poder admitir-se, ainda sobre reserva, que representam um, ou melhor, dois motivos esquemáticos antropomórficos, associados, realizados, porventura, em momentos diferentes. É crível que a superfície do esteio tenha servido, por mais de uma vez, de painel onde as outras gravuras tenham sido inscritas.

Como paralelo para os motivos atrás descritos como sendo mãos com dedos, refira-se a figura nitidamente antropomórfica de Le Déhus, Paradis, Guernsey, que apresenta, de forma também isolada, dois pequenos sulcos em semi-círculo, dos quais partem 6 (!) linhas representando os dedos (3). Certo é que, sendo conhecidas representações antropomórficas em esteios dolménicos,

(2) CASTRO, Luís de Albuquerque e, «A Figura Antropomórfica e as Placas de Xisto», LVCERNA, Vol. III, 1963, pp. 96-109.

(3) SHEE TWHIG Elizabeth, «The Megalithic Art of Western Europe», Oxford, 1981, Fig. n.º 204.

não conhecemos, por ora, qualquer outro motivo que se lhe assemelhe em esquematismo.

É, igualmente, muito arriscado pretender dar um significado a estes motivos. Tudo quanto se disser não passará do mundo das conjecturas. Tratar-se-á de uma figura protectora, de tipo idoliforme?

Por seu turno, o motivo raiado do esteio n.º 2, a ser interpretado como um esteliforme, embora muito simplificado, encontra paralelos relativamente agudantes no mundo da arte megalítica (Chã de Parada, Carapito, Menir da Abelhoa, etc.).

Vemos, pois, que os motivos analisados pertencem ao mundo da arte esquemática megalítica, apresentando motivos abstractos que, embora de difícil ou até de impossível decifração, não deixarão de possuir uma grande carga simbólica, plena de uma religiosidade bem marcada, enriquecendo o mundo de crenças dos construtores de tão grandiosos túmulos, de que a Arte dolménica é umas das mais atraentes e significativas manifestações culturais.

Este texto corresponde à Comunicação apresentada no VI COLÓQUIO PORTUENSE DE ARQUEOLOGIA, realizado na Delegação Regional do Norte da Secretaria de Estado da Cultura (Porto) em 16/18 de Outubro de 1987, numa Organização do Centro de Estudos Humanísticos.

Porque até ao momento da entrega do original (Novembro des 1989) as respectivas Actas não foram, ainda, publicadas, entendeu-se dar a conhecer este estudo, no intuito de evitar uma maior desactualização do mesmo.

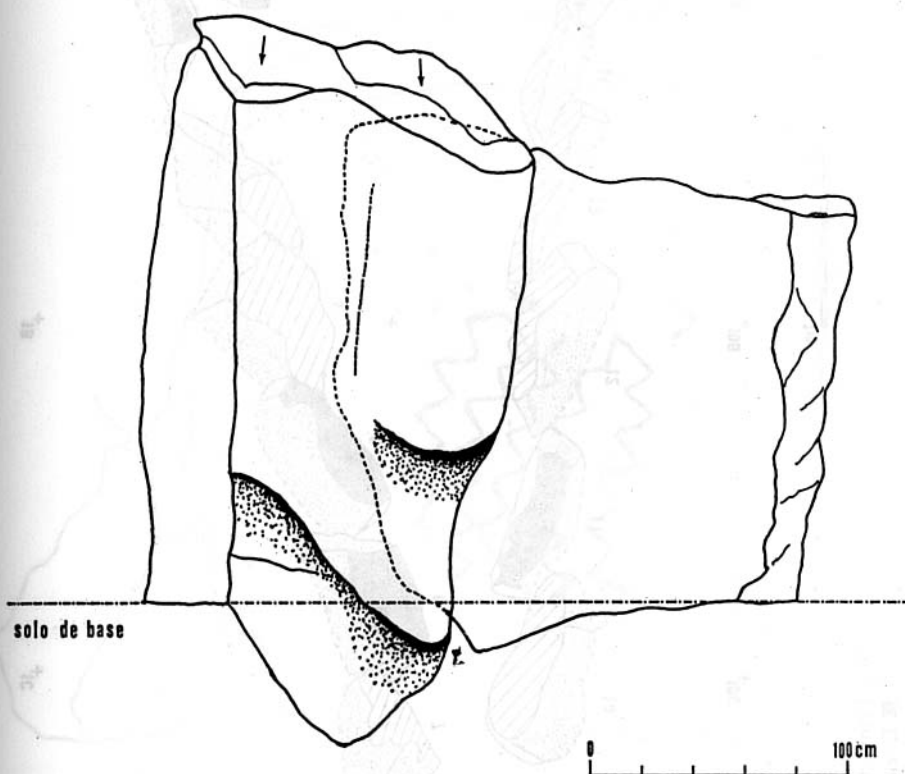
Com efeito, ele marca um momento no trabalho de investigação que, no âmbito do megalitismo minhoto, o autor vem desenvolvendo, nos últimos anos, nesta área geográfica, com particular ênfase no Concelho de Viana do Castelo.

É, no entanto, um trabalho incompleto. Felizmente, que assim é, pois que, durante as campanhas de escavações arqueológicas realizadas no Verão de 89, e incluídas no aludido Projecto, novas e importantes descobertas foram realizadas, tanto no domínio das gravuras como das pinturas rupestres megalíticas (Antela da Portelagem e Mamoa de Palmeira de Faro, Esposende, e Mamoa da Eireira, Afife, Viana do Castelo). Naturalmente que o seu estudo conjunto merecerá um tratamento adequado, a tornar público oportunamente.

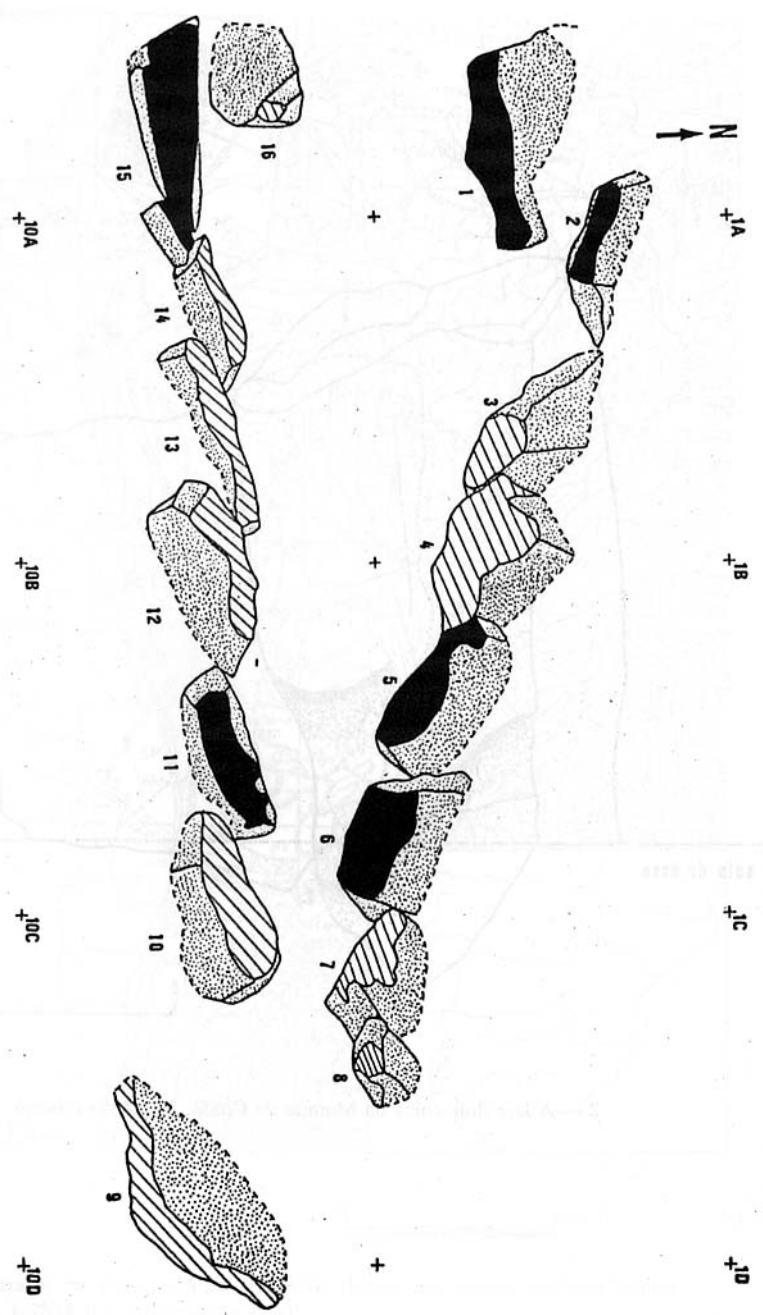


0 1km

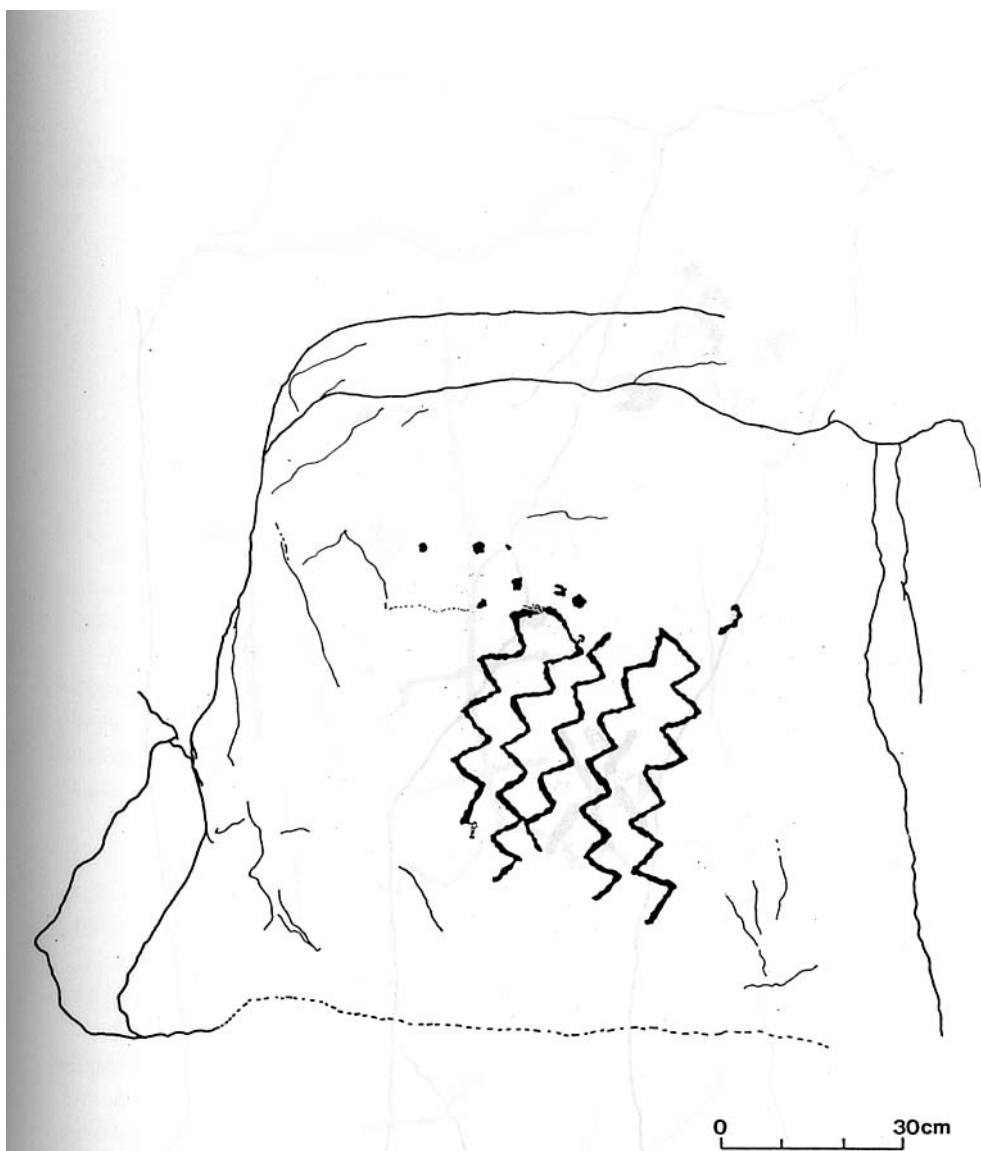
1 — Localização da Mamoa da Eireira, Afife (Viana do Castelo, na Carta Militar (Esc.: 1/25.000) e na Península.



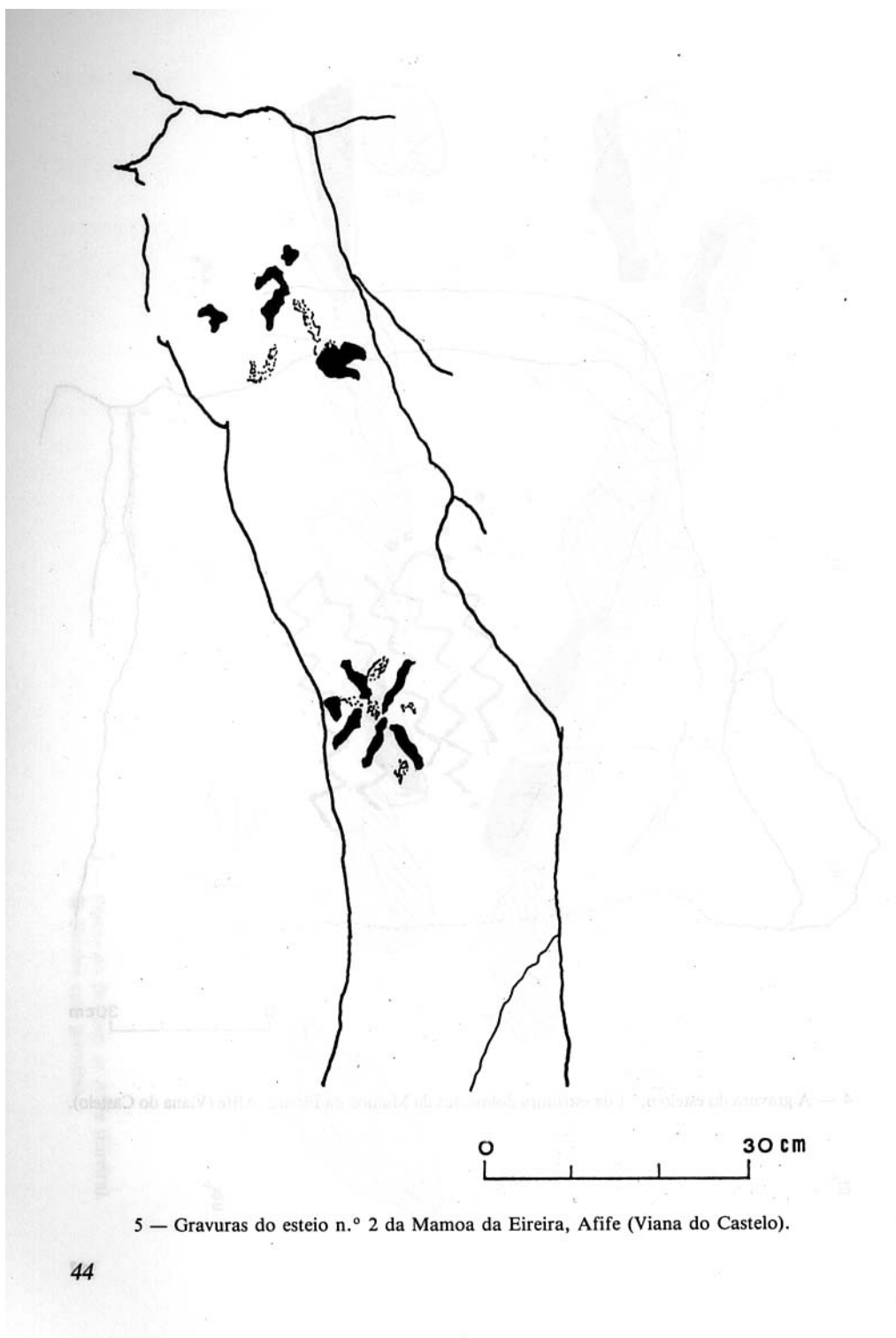
2 — A laje dolménica da Mamoa de Chafé, Viana do Castelo.



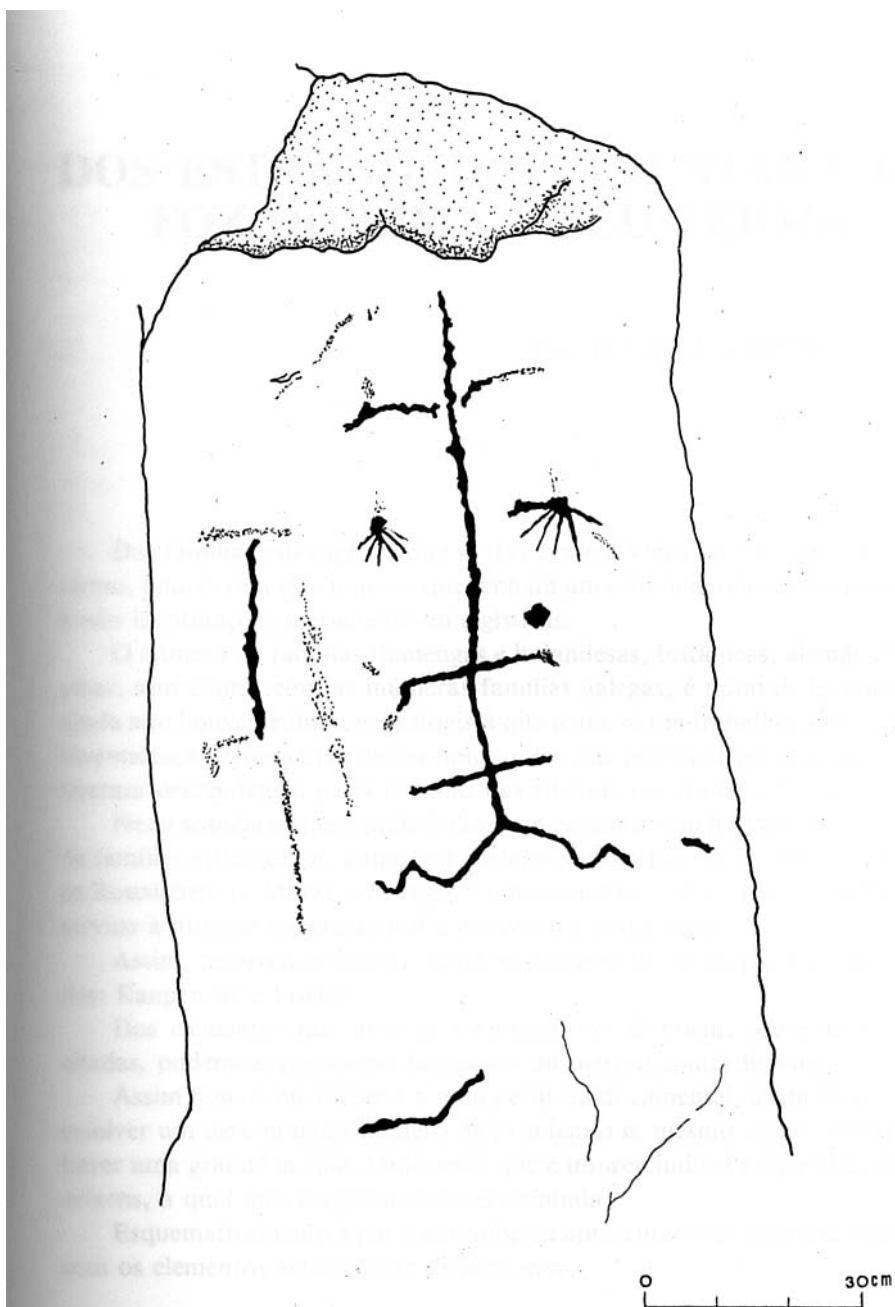
3 — Planta do Dólmen de Afife (Eireira).
 ■ Estreos com gravuras.



4 — A gravura do esteio n.º 1 da estrutura dolménica da Mamoa da Eireira, Afife (Viana do Castelo).



5 — Gravuras do esteio n.º 2 da Mamoa da Eireira, Afife (Viana do Castelo).



6 — O esteio n.º 6 com os motivos antropomórficos (Mamoá da Eireira, Afife).